

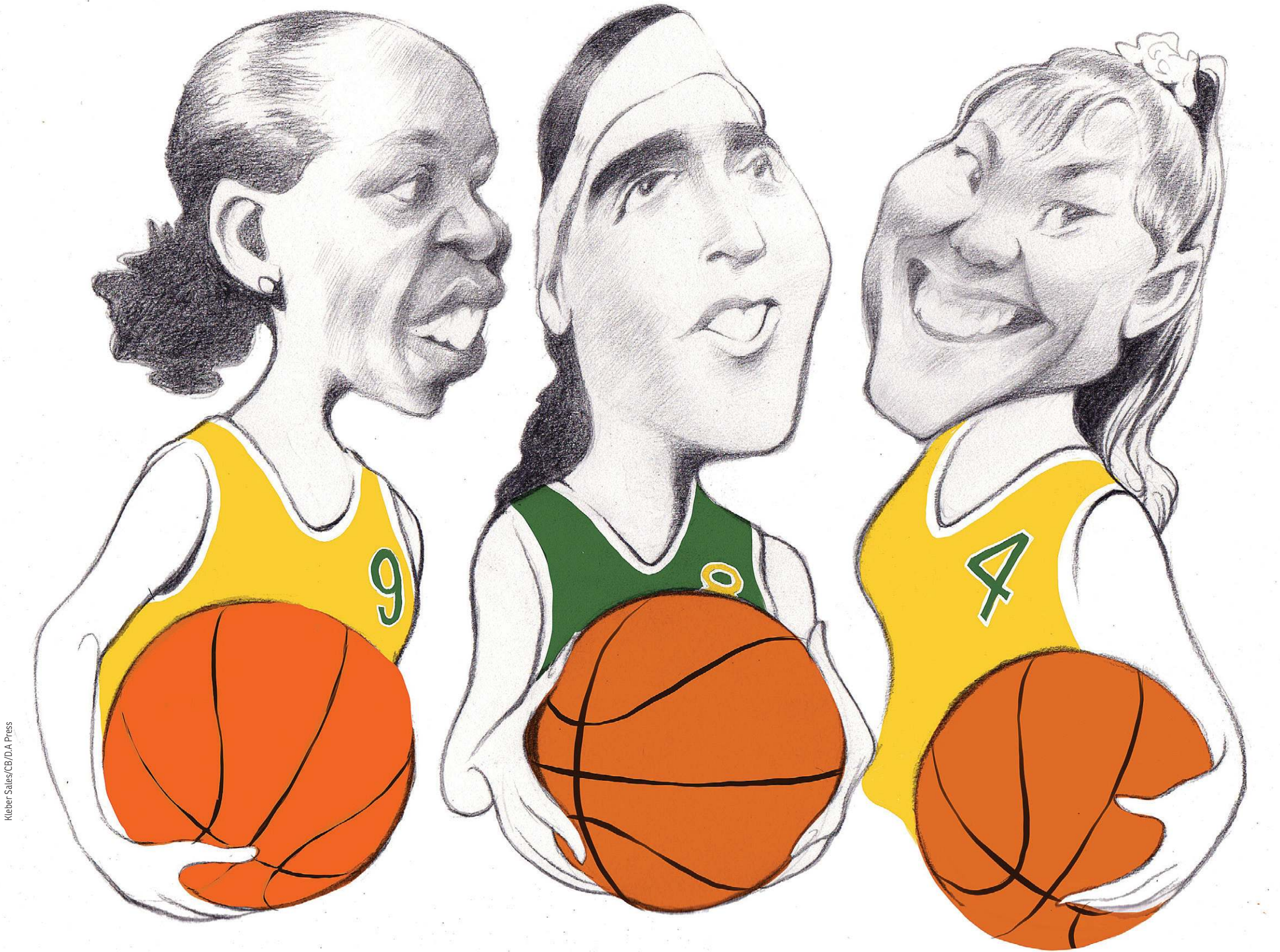


#partiucatar

Vizinha do Catar, inclusive com fronteira terrestre, a Arábia Saudita promete transformar o Estádio Lusail em um alçapão na abertura do terceiro dia do calendário da Copa. A Argentina será a primeira adversária a sentir a pressão no duelo de 22 de novembro, uma terça-feira, às 7h (de Brasília). A Arábia Saudita chega ao Mundial pela sexta vez e chegou às oitavas em 1994, nos Estados Unidos.

BASQUETE As campeãs mundiais Janeth, Paula e Hortência passam a limpo ao **Correio** a dramática situação da Seleção feminina. Referências do Brasil, elas apontam o comodismo com títulos e má gestão pelo desinteresse das meninas e o êxodo de talentos para os EUA

Os diagnósticos de uma crise



Kleber Sales/CB/D.A. Press

“No meu instituto, a cada 10 alunos, oito são meninos e duas meninas. O problema é mundial. Temos que entender isso e reverter o cenário”

Janeth, presidente do Instituto Janeth Arcain

“Temos 58 jogadoras universitárias nos EUA. Isso acontece por falta de torneio. A menina chegava nessa faixa etária e parava ou ia trabalhar”

Paula, vice-presidente da CBB

“Hoje, uma menina alta vai para o vôlei, que tem estrutura, está na tevê, ganha medalha e estimula a criança por ser um esporte vencedor”

Hortência, integrante da Comissão de Atletas do COB

MARCOS PAULO LIMA

Ausente nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 e fora das edições de 2018 e de 2022 do Mundial, o basquete feminino do Brasil amarga a pior crise de sua história. O título no Campeonato Sul-Americano no início deste mês na vitória por 69 x 68 contra a anfitriã Argentina serviu de alento ao projeto de ir a Paris-2024, mas o processo de reconstrução da Seleção exige longo prazo. Em entrevista ao **Correio**, Janeth, Paula e Hortência, três das maiores jogadoras do país, apontam problemas e soluções para a retomada de conquistas como a medalha de ouro no Pan de Havana-1991, o Mundial de 1994, na Austrália, a prata em Atlanta-1996 e o bronze em Sydney-2000. As dificuldades vão da base ao profissional. Símbolo da era dourada do basquete feminino ao lado de Paula, a rainha Hortência avalia que o Brasil paga caro por não ter aproveitado o “boom” das

conquistas de algumas modalidades. O país curtiu as glórias, não renovou ídolos e se estagnou. Parou no tempo. “O Brasil perdeu uma grande oportunidade no esporte em geral. No tênis, a geração do Guga (Gustavo Kuerten). Na ginástica, com a geração da Daiane dos Santos. Agora que apareceu a Rebeca Andrade. A geração do basquete tinha Oscar, Hortência, Paula... Não houve um trabalho lá atrás para utilizar esse momento importante para estimular e dar oportunidade a atletas que queriam praticar a modalidade”, avalia Hortência, uma das integrantes da Comissão de Atletas do Comitê Olímpico do Brasil (COB). “Hoje, uma jogadora alta, uma atleta alta, vai para o vôlei. A gente perde essa atleta porque o vôlei tem mais estrutura, oportunidade e está na televisão o tempo todo. Vem ganhando e trazendo medalha. Isso estimula a criança. Ela está vendo que é um esporte vencedor”, diz a comentarista do SporTV.

Janeth segue a mesma linha de Hortência. Ex-treinadora das divisões de base da CBB, ela mantém o Instituto Janeth Arcain. O projeto de desenvolvimento humano por meio do esporte tenta capacitar jogadoras para acelerar o processo de renovação no basquete brasileiro. “Quando a gente vivencia uma lacuna de gerações, leva-se muito tempo para que isso seja refeito e dê resultado. O basquete feminino, por enquanto, vai sofrer essa lacuna”, analisa. Vice-presidente da Confederação Brasileira de Basquete (CBB), Paula identifica um problema social como pivô do enfraquecimento da Seleção. “É uma geração diferente. Estamos vivendo uma fase de inatividade física. Temos uma disputa ferrenha com o digital. Não temos mais o corpo em movimento, mas o corpo estático. Vivemos a era da obesidade infantil, da falta de atividade na escola, ou seja, do lúdico na formação. Há pouca gente fazendo trabalho

de formação. Uma coisa puxa a outra. É um desafio enorme”, lamenta. Um dado assustador apresentado por Janeth comprova a diminuição do interesse das meninas pela bola laranja. “No meu instituto, a cada 10 alunos, oito são meninos e duas meninas. Estamos em um dois por oito. A diferença é muito grande, ainda mais se tratando do instituto de uma mulher. A gente ainda não conseguiu compreender porque toda essa dificuldade. Antigamente, a gente falava que era porque a menina tinha que ficar em casa, ajudar a mãe a cozinhar, limpar... Hoje, não. A cabeça da sociedade e desses jovens mudou, mas sentimos essa necessidade de trazer essas meninas para o esporte e elas virarem os próximos ídolos”, admite a ex-jogadora. A crise política e econômica da CBB também afastou jogadoras do basquete feminino. Assumimos uma entidade destruída, terra arrasada. O primeiro ano da gestão do Guy (Peixoto Jr) ficou

um ano e meio suspensa pela FIBA, dois anos de pandemia, uma dívida monumental. O grande legado dessa gestão é tentar negociar dívidas. Do jeito que está, a gente não tem uma certidão negativa, não consegue patrocínio. Gerações foram sacrificadas por má gestão, falta de carinho, de atenção, de cuidado com o feminino. Precisamos ter mais basquete pelos estados. Temos poucos estados fazendo basquete”, desabafa Paula. O resultado é um êxodo de jovens talentos para o exterior. “Temos muitas jogadoras nos Estados Unidos. São 58 atuando lá. Essa migração acontece por falta de competição. A menina chegava nessa faixa etária e ela parava ou ia trabalhar. Se a gente não começar a trabalhar o basquete de uma forma mais pulverizada pelo país, nós vamos ter muitos problemas”, alerta Paula, apoiada por Hortência. “O trabalho de base é uma obrigação do Estado. Começa na escola. Ali é lugar de dar oportunidade”, cobra.